

MULHERES PESCADORAS DE CAMARÃO-DA-AMAZÔNIA A JUSANTE DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ, AMAZÔNIA, BRASIL

Maurício Bastos da SILVA^{1*}; Kátia Cristina de Araújo SILVA²; Marko HERRMANN²; Maria Vera Lúcia Ferreira de ARAÚJO³; Israel Hidenburgo Aniceto CINTRA²

¹Programa de Pós-Graduação em Aquicultura e Recursos Aquáticos Tropicais, Universidade Federal Rural da Amazônia, Instituto Socioambiental e dos Recursos Hídricos; ²Universidade Federal Rural da Amazônia, Instituto Socioambiental e dos Recursos Hídricos; ³Casa-Escola da Pesca. Rua Evandro Bona. Passagem São José, 70, Itaiteua/Ilha de Caratateua (Outeiro), Belém, PA, Brasil

*email: mbsilva_698@ig.com.br

Recebido em: 30/07/2014

Resumo - O estudo descreve o perfil socioeconômico e percepção ambiental da mulher pescadora de camarão-da-amazônia. Na coleta de dados foram entrevistadas 55 pescadoras nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014. A maioria das pescadoras são paraenses e naturais da área de estudo, idade entre 21 e 68 anos, baixa escolaridade, católicas, casadas e com 4 filhos/pescadora. A atividade pesqueira é repassada pelos pais e as condições de moradia são precárias. As mulheres apresentam opinião muito crítica a respeito das medidas necessárias para a sustentabilidade da pesca e preservação ambiental. Para a preservação ambiental é sugerido ações de controle para poluição dos rios e para diminuir a pressão sobre os estoques o cultivo do camarão-da-amazônia. A pesca do camarão-da-amazônia é uma atividade tradicional que é repassada de geração a geração, participando a mulher de todas as etapas da cadeia produtiva.

Palavras-Chave: Pesca artesanal, Camarão dulcícola, Extrativismo, População tradicional

AMAZON SHRIMP FISHERWOMEN DOWNSTREAM FROM THE TUCURUÍ HYDROELECTRIC POWER PLANT, AMAZON, BRAZIL

Abstract - The present study aims to investigate the socioeconomic and environmental perception of the Amazon shrimp fisherwomen. For the collection of data, 55 fisherwomen were interviewed during the months September, October and November 2011, September 2012 and October 2014. Most fisherwomen are born in the federal state of Pará, they are aged between 21 and 68 years, have a low level of education, are Catholic and married, averaging 4 children and 4.3 dependents per fisherwoman. Parents pass on the fishing activity. Living conditions are precarious and the quality of life is poor. Women have a very critical opinion regarding necessary steps for the sustainability of the fishery. For environmental preservation, this study suggests (1) to control the pollution of the rivers and (2) to reduce pressure on stocks of the Amazon shrimp to implement Shrimp farming in net cages. The fishing of the Amazon shrimp is a traditional activity that is passed from generation to generation, participating women in all stages of the production chain.

Keywords: Artisanal fishery, Small-scale fisheries, Freshwater shrimp, Extractivism, Traditional population

INTRODUÇÃO

As atividades de pesca desempenham um importante papel social e econômico na vida de milhões de pessoas em todo o mundo. Na Amazônia não é diferente, existe na região uma grande dependência da população ribeirinha nesta atividade. Assim, torna-se indispensável o desenvolvimento de estudos que tratem da sustentabilidade do extrativismo das populações tradicionais da região. No Pará, a área de influência da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE Tucuruí) é um dos principais pontos de desembarques de pescados de água doce, chegando a produzir no período de 2001 a 2006 uma média de 6.735.500 kg, superando a produção de pescado (para o mesmo período) de alguns estados brasileiros (CINTRA et al., 2007).

No ano de 2006, o número de pescadores artesanais atuantes (sem considerar aqueles que não eram associados nas Colônias de Pescadores e/ou aqueles que utilizavam a pesca como lazer e fonte de alimentação) era de 7.854 e uma população humana de aproximadamente 50.000 pessoas que dependiam diretamente da pesca apenas no reservatório da UHE Tucuruí (CINTRA et al., 2011).

As principais espécies desembarcadas a jusante da UHE Tucuruí são o mapará *Hypophthalmus marginatus* Valenciennes em Cuvier e Valenciennes, 1840 e o camarão-da-amazônia *Macrobrachium amazonicum* (HELLER, 1862) (CINTRA et al., 2007). O camarão-da-amazônia é capturado por diversas artes de pesca, mas o matapi se destaca como o principal apetrecho (ARAÚJO et al., 2014b).

Em estudo realizado a jusante da UHE Tucuruí sobre a atividade pesqueira do camarão-da-amazônia, Araújo et al. (2014), relatam que a exploração deste recurso é familiar e que é praticada por crianças, jovens, adultos e idosos. Os mesmos autores destacam que 72% dos pescadores são homens e 28% são mulheres.

A pesca por ser uma atividade que necessita de força e enfrentamento das variações climáticas adversas, é definida por vários autores como uma atividade eminentemente masculina, definição que Motta Maués (1999) considera preconceituosa e discriminativa.

Analisando o reconhecimento público do trabalho da mulher na pesca, Maneschy & Almeida (2002) relatam que o trabalho da mulher enquanto agente produtiva na pesca, no Brasil e em âmbito internacional, ainda é tímido. Para Maneschy (2000) muito do que fazem (as mulheres) não se destina ao mercado e não é visto, portanto, como trabalho, mesmo quando se trata de tarefas que permitem aos homens pescar, cozinhar, costurar velas de canoa, confeccionar armadilhas de pesca para o marido e os filhos, fazer o café e o carvão que eles levam a bordo, remendar roupas de trabalho.

As mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia à jusante da UHE Tucuruí estão “invisíveis” aos olhos da sociedade dita moderna, no que concerne sua inserção como participante ativa em mais uma conquista de espacialidade social, cultural e econômica. É com essa perspectiva, que este trabalho vai identificar esta mulher e o lugar que ocupa na cadeia produtiva do camarão.

Também é importante desenvolver estudos da percepção ambiental para que possamos compreender melhor as relações mútuas entre o homem e o ambiente, suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas (FERRARA, 1996).

O trabalho descreve o perfil socioeconômico da mulher pescadora de camarão-da-amazônia e relata a sua percepção ambiental, esclarecendo o ingresso na atividade e qual o lugar da mulher pescadora na cadeia produtiva. O trabalho fornecerá subsídios para a formulação de políticas públicas, visando à sustentabilidade da atividade, reconhecimento da importância da mulher na atividade pesqueira e melhoria da sua qualidade de vida.

MATERIAL E MÉTODOS

A área de influência da UHE Tucuruí localiza-se no curso inferior do rio Tocantins, estendendo-se da cidade de Marabá (5°19'41.5"S 49°04'40.8"W), nas proximidades da confluência deste com o rio Araguaia, até a desembocadura no rio Pará (1°45'45.9"S 49°14'46.8"W). Este trecho abrange os municípios paraenses de Marabá, Itupiranga, Nova Ipixuna, Jacundá, Goianésia do Pará, Novo Repartimento, Breu Branco, Tucuruí, Baião, Mocajuba, Cametá, Limoeiro do Ajuru e Abaetetuba.

A coleta dos dados foi realizada nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014, nos municípios de Baião (2°47'12.7"S 49°40'44.0"W), Mocajuba (2°35'31.4"S 49°30'42.0"W), Cametá (2°15'18.9"S 49°30'07.6"W), Limoeiro do Ajuru (1°45'45.9"S 49°14'46.8"W) e Abaetetuba (1°45'45.9"S 49°14'46.8"W), localizados a jusante da UHE Tucuruí, na mesorregião do nordeste paraense. As informações foram obtidas mediante entrevistas, auxiliadas por questionários semiestruturados, com pescadores de camarão-da-amazônia nas suas residências (ilhas e/ou comunidade), feiras e mercados municipais.

Durante a coleta de dados foram preenchidos 176 questionários, distribuídos da seguinte forma: 30 em Baião, 30 em Mocajuba, 42 em Cametá, 30 em Limoeiro do Ajuru e 44 em Abaetetuba. Para atender o objetivo do estudo foram excluídas as entrevistas com os homens e analisadas apenas as informações obtidas com as mulheres.

A coleta dos dados teve como base a técnica metodológica snowball, também divulgada pela World Health Association - WHA (1994) como snowball sampling (“Bola de Neve”).

Dada a impossibilidade de proceder uma amostra aleatória, a qual produziria maior precisão estatística, estabeleceu-se o tamanho mínimo da amostra de 30 entrevistas. A definição do “N” amostral foi realizada como base na justificativa de Cintra et al. (2011) onde citam que, para este tipo de estudo, uma amostra de 30 entrevistados seria suficiente.

Nas entrevistas, optou-se como critério de seleção entrevistar somente um pescador por domicílio, pescador este informado pela família como sendo o principal/mais atuante na pesca de camarão-da-amazônia. Os pontos contidos nos formulários abordaram questões direcionadas, tais como: local de nascimento, estado civil, religião, estrutura etária, nível de instrução e tempo na atividade; igualmente, a avaliação do entrevistado quanto à redução ou aumento da produção de camarão na área e suas possíveis causas. Informações sobre os membros da família (que reside no mesmo domicílio), também foram incluídas nos questionários e obtidas de forma indireta (via pescador entrevistado) a fim de conhecer as relações socioeconômicas da família.

Para a definição do estado civil das pescadoras tomou-se como base os tipos estabelecidos pela Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (casada, separada, divorciada, viúva e solteira) (Brasil, 2002). No entanto, o regime de união estável¹ foi incluído neste tópico a fim de quantificar as pessoas que vivem nessa condição.

A caracterização da religião dos pescadores foi realizada com base na metodologia do Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010). Porém, as pessoas que se declararam “sem religião” foram agrupadas nesta seção.

O grau de escolaridade das pescadoras foi analisado de acordo com os níveis escolares estabelecidos pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que classifica a educação em básica e superior, e pela Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006 que dispõe sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental (Brasil, 1996; Brasil, 2006). Considerou-se como analfabeta as pessoas que não sabiam ler e nem escrever e que apenas assinavam o próprio nome, no momento da entrevista.

Para estimar o número de dependentes por pescadora, seguiu-se o conceito de família adotado pela Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social - SETEPS (2003), como sendo “o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, que reside na mesma unidade domiciliar e, também, a pessoa que more só em uma unidade domiciliar”

Os dados obtidos foram organizados em um banco de dados do programa Excel para análise e apresentação gráfica, levado em conta à distribuição de frequência de respostas para cada questão.

¹ União estável é a relação de convivência entre dois cidadãos que é duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição familiar. <https://www.casamentocivil.com.br/uniao-estavel/o-que-e-uniao-estavel>. Acessado em 26/06/2015.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 176 entrevistados 121 (69%) são do gênero masculino e 55 (31%) do gênero feminino. Das mulheres entrevistadas, 6 são de Baião (20%), 5 de Mocajuba (17%), 15 de Cametá (36%), 17 de Limoeiro do Ajuru (57%) e 12 de Abaetetuba (27%).

A presença feminina na atividade pesqueira vem, no decorrer dos anos, saindo do anonimato e adquirindo visibilidade. A importância da mulher na pesca do camarão-da-amazônia foi verificada por Vieira & Araújo Neto (2006), para o município de Afuá (PA) e Arquipélago do Bailique (AP) e Simonian (2006), em estudos realizados com pescadoras do município de Barcarena (PA).

Com relação à naturalidade, a grande maioria das mulheres pescadoras são paraenses (98,2%) e 1,8% piauiense. Das pescadoras paraenses, 96,3% são naturais dos municípios que abrangem a área de estudo, e somente 3,7% nasceram em outros municípios, tais como Moju (1,9%) e São Sebastião da Boa Vista (1,9%). Moju e São Sebastião da Boa Vista estão localizados no entorno dos municípios analisados.

Resultados distintos foram encontrados por Cintra et al. (2011) para pescadores do reservatório da UHE Tucuruí, onde 45% nasceram em outros estados. Para esses autores, provavelmente, o processo migratório se deu em função da construção da barragem, que atraiu pessoas de vários estados do Brasil em busca de oportunidade de emprego na região. As migrações para as áreas de influência dos reservatórios são feitas principalmente por homens que acabam se envolvendo maritalmente com as mulheres da região.

A idade das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia entrevistadas variou entre 21 e 68 anos, com média de 38 anos. Mulheres com mais de 60 anos ainda atuam na atividade, 27% das mulheres são jovens (20-30 anos), 54% adultas (31 e 50 anos) e a média etária é de 38 anos (Tabela 1). A ausência de crianças é justificada pela metodologia dos amostrados adotado para o estudo (optou-se como critério de seleção entrevistar somente um pescador por domicílio, pescador este informado pela família como sendo o principal/mais atuante na pesca de camarão-da-amazônia).

Tabela 1. Estrutura etária das pescadoras de camarão-da-amazônia que atuam nos municípios a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Município	Amontra (n)	Idade (anos)		
		Mínima	Máxima	Média
Baião	6	27	41	34
Mocajuba	5	30	54	43
Cametá	15	22	52	40
Limoeiro do Ajurú	17	22	68	38
Abaetetuba	12	21	59	34
Jusante	55	21	66	38

Resultados similares foram obtidos por Freire & Silva (2008), onde o maior percentual de pescadores de camarões dulcícolas (*Macrobrachium amazonicum* e *Macrobrachium rosenbergii*) de Bragança encontrava-se na faixa etária de 30-40 anos (38,7%) e média de 40,5 anos, porém a idade mínima dos entrevistados bragantinos foi menor a do estudo (intervalo de 11 a 66 anos). Vieira & Araújo Neto (2006), identificaram pescadores com uma faixa etária entre 12 a 82 anos na pesca de camarão-da-amazônia em Afuá (PA), a média da idade ficou em torno de 44 anos.

Quanto ao grau de escolaridade, o índice de analfabetismo entre as mulheres pescadoras foi de 14,5%, contrapondo os que têm fundamental incompleto, o qual teve uma representação de 60,0%. Apenas 5,5% das pescadoras tem o fundamental completo e 10,9% apresentaram nível médio completo (Tabela 2).

Tabela 2. Escolaridade das pescadoras entrevistadas do reservatório da UHE Tucuruí, Estado do Pará, Brasil. Formulários aplicados nos meses de junho, agosto e setembro de 2006

Município	Amontra (n)	Nível de instrução									
		Analfabeto		Fundamental incompleto		Fundamental completo		Médio incompleto		Médio completo	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Baião	6	0	0,0	6	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Mocajuba	5	0	0,0	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Cametá	15	2	13,3	7	46,7	2	13,3	3	20,0	1	6,7
Limoeiro do Ajuru	17	4	23,5	10	58,8	1	5,9	0	0,0	2	11,8
Abaetetuba	12	2	16,7	5	41,7	0	0,0	2	16,7	3	25,0
Jusante	55	8	14,5	33	60,0	3	5,5	5	9,1	6	10,9

Dados coletados por Araújo et al. (2014a) na mesma região para pescadores (homens e mulheres) quando comparados com dados deste estudo indicam que as mulheres possuem um nível

de escolaridade melhor do que os homens e quando comparados com dados encontrados para todos os pescadores do Pará (SETEPS, 2003), mostrando o presente estudo que apesar de um nível educacional ainda deficiente, as mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia possuem uma formação escolar melhor. No Pará dados coletados pela SETEPS (2003) revelam que, 20,5% dos pescadores artesanais do Pará são analfabetos, 78,9% apresentam escolaridade ao nível de primeiro grau incompleto e que apenas 0,5% chegaram ao segundo grau. O IBGE (2010) relata que no Brasil, no ano de 2010, a taxa de analfabetismo foi de 9,6% e que na região norte a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade é de 9,9% para os homens e 9,3% para as mulheres.

Quanto a opção religiosa, 80,0% dos pescadores são católicos, 18,2% evangélicos e 1,8% informaram que não possuem religião. Analisando o percentual de católicos por município, observa-se que dos entrevistados de Baião e Mocajuba 100% são católicos. O maior percentual de evangélicos encontra-se em Cameté (33,3%) e Limoeiro do Ajuru (17,6%) (Tabela 3).

Tabela 3. Percentual de pescadoras de camarão-da-amazônia por opção religiosa por município e área a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Município	Amostra (n)	Religião							
		Católica		Protestante		Testemunho de Jeová		Sem religião	
		(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
Baião	6	6	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Mocajuba	5	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Cameté	15	10	66,7	5	33,3	0	0,0	0	0,0
Limoeiro do Ajuru	17	12	70,6	3	17,6	1	5,9	1	5,9
Abaetetuba	12	11	91,7	1	8,3	0	0,0	0	0,0
Jusante	55	44	80,0	9	16,4	1	1,8	1	1,8

Dados do IBGE (2010) identificam que 64,6% da população brasileira é católica, 22,2% protestante, 8,0% não possuem religião, 2,0% espírita, 0,3% umbanda e candoblê, 2,7% outras religiões e 0,1% não declararam. O grande percentual de católicos na região pode influenciado pela fé dos paraenses na Nossa Senhora de Nazaré.

Quanto ao estado civil, constatou-se que 20,0% são solteiras, 23,6% são casadas, 1,8% são viúvas, 1,8% são separados/divorciadas e mais da metade (52,7%), vivem sob o regime de união estável, caracterizada pela convivência duradoura e estabelecida com seus companheiros, comprovando o vínculo familiar. Considerando toda área, pode-se observar que as mulheres casadas

e em união estável representam 86,3% das entrevistadas. Entre os municípios analisados, Cameté foi o que apresentou a maior quantidade de pescadoras solteiras (40,0%), enquanto Abaetetuba (41,7%) e Baião (83,3%) apresentaram os maiores percentuais para casado e união estável, respectivamente (Tabela 4). A mulher pescadora de camarão-da-amazônia provavelmente tem neste recurso uma fonte segura de renda e alimento para a sua subsistência e da sua família. O grande percentual de mulheres chefe de família (casada + união estável) ratifica a importância da pescaria e visibilidade da mulher na atividade.

Tabela 4. Frequência relativa do estado civil das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia por município e área a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Município	Amontra (n)	Estado civil									
		Solteira		Casada		Viúva		Separada/Div orciada		União estável	
		(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
Baião	6	1	16,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	83,3
Mocajuba	5	1	20,0	1	20,0	0	0,0	0	0,0	3	60,0
Cameté	15	6	40,0	4	26,7	0	0,0	1	6,7	4	26,7
Limoeiro do Ajuru	17	2	11,8	3	17,6	1	5,9	0	0,0	11	64,7
Abaetetuba	12	1	8,3	5	41,7	0	0,0	0	0,0	6	50,0
Jusante	55	11	20,0	13	23,6	1	1,8	1	1,8	29	52,7

Freire & Silva (2008) citam que 94% dos pescadores de camarão de Bragança vivem maritalmente (casados ou união estável) e somente 6% são solteiros. Silva et al. (2012), observaram um número expressivo de pescadores vivendo sob o regime de união estável na ilha do Mosqueiro (PA). Nogueira & Fermentão (2006) destacam a importância do reconhecimento civil da união estável tanto no plano jurídico, quando se trata da relação patrimonial, quanto no aspecto social, pois essa indefinição traz constrangimentos aos companheiros. Araújo et al. (2014a) na mesma área de estudo encontrou para pescadores de camarão-da-amazônia (homens e mulheres) 12,7 solteiros e 84,4% casados e em união estável, dados bem parecidos aos apresentados para este estudo. Provavelmente as mulheres da região casam com pescadores artesanais e a pesca do camarão-da-amazônia complementa a renda e alimentação familiar.

Os dados estão próximos dos apresentados pela SETEPS (2003) para pescadores do Pará na condição de casados (85,2%) e solteiros (9,4%). Silva et al. (2007) observaram que em Conceição do Araguaia 71% dos pescadores são casados. Ceregato & Petreire Júnior (2002) verificaram no

reservatório do Complexo Urubupungá, formado pelas Usinas Hidrelétricas de Jupia e Ilha Solteira no estado de São Paulo, que 78% dos pescadores são casados e 16,5% solteiros.

Quanto aos descendentes, 95% das pescadoras relatam ter filhos, em quantidade entre 1 e 11 descendentes, com média estimada de 4 filhos/pescadora. O município que apresentou a maior média foi Limoeiro do Ajuru, com 5 filhos/pescadora, Baião, Mocajuba e Cametá possuem 4 filhos/pescadora e Abaetetuba apresentou a menor média 2,58 filhos/pescadora (Tabela 5). O grande percentual de filhos/pescadora em Limoeiro do Ajuru pode ser a explicação para a grande quantidade mulheres na pesca do camarão-da-amazônia em relação aos homens.

Tabela 5. Número de pescadoras com filhos e média de filhos/pescadora por município localizado a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Município	Pescadora sem filho		Pescadora com filho		Número		Número de filho		Média
	(n)	(%)	(n)	(%)	Pescadora	Filho	Mínimo	Máximo	
Baião	0	0	6	100	6	23	2	5	3,83
Mocajuba	0	0	5	100	5	19	1	6	3,80
Cametá	0	0	15	100	15	59	1	9	3,93
Limoeiro do Ajuru	2	12	15	88	17	86	1	11	5,06
Abaetetuba	1	8	11	92	12	31	1	7	2,58
Jusante	3	5,5	52	94,5	55	218	1	11	3,96

O percentual de pescadoras sem descendentes correspondem a 5%. Pescadoras com 1-2 filhos correspondem a 24%, 3-4 filhos 39%, 5-6 filhos 16% e 16% acima de 6 filhos. Valores aproximados de filhos/pescador de camarão foi observado por Silva et al. (2012) para ilha do Mosqueiro (PA). Cintra et al. (2011), constataram uma média de 3 a 4 filhos para os pescadores artesanais do reservatório da UHE Tucuruí.

Nas famílias entrevistadas contabilizou-se 230 dependentes, que corresponderam a uma média de 4,3 dependentes/pescadora, variando entre 1 e 9 dependentes. Abaetetuba foi o município que apresentou a menor relação dependente/pescadora (3,0), contrastando com Baião e Limoeiro do Ajuru que possuem de 5,6 e 5,0 dependentes/pescadora, respectivamente (Tabela 6).

Tabela 6. Número de dependentes por pescadora de camarão-da-amazônia nos municípios e a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Município	Pescadora	Dependente	Dependente estudando		Dependente trabalhando na atividade		Dependente mínimo	Dependente máximo	Dependente/Pescadora Média
	(n)	(n)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(n)	
Baião	5	28	21	75,0	13	46,4	1	6	5,6
Mocajuba	5	19	12	63,2	14	73,7	1	6	3,8
Cametá	15	62	37	59,7	37	59,7	2	9	4,1
Limoeiro do Ajuru	17	85	49	57,6	34	40,0	1	9	5,0
Abaetetuba	12	36	20	55,6	17	47,2	1	7	3,0
Jusante	54	230	139	60,4	115	50,0	1	9	4,3

A SETEPS (2003) relata que para o sudeste paraense, ou seja, para a área objeto deste estudo, um número médio de 5,5 dependentes/pescador e, para o Pará, 6,0 dependentes/pescador. A montante da barragem da UHE Tucuruí, Cintra et al. (2011) encontraram uma média de 5,3 dependentes/pescador e estes autores destacaram que o alto número de filhos e de dependentes entre os pescadores de Tucuruí revela o grande contingente populacional que depende diretamente da atividade pesqueira.

Entre os dependentes, 60,4% estavam frequentando escola e 50% encontravam-se inseridos na atividade pesqueira. Os dependentes auxiliam na atividade pesqueira do camarão-da-amazônia a partir dos 5 anos de idade e vão aumentando essa participação até os 18 anos. Na faixa etária de 18 a 29 anos os dependentes vão deixando os estudos paulatinamente e a partir dos 30 anos passam a participar apenas da atividade pesqueira ou formando suas próprias famílias (Figura 1). Pode-se observar na mesma figura que existem dependentes em todas as faixas etárias.

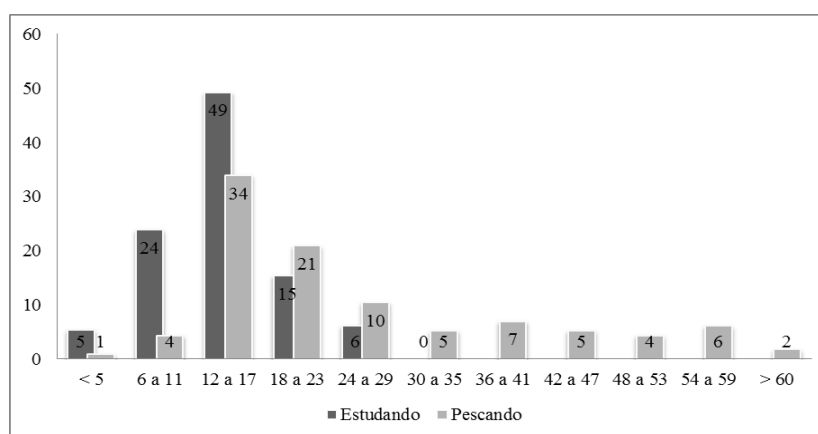


Figura 1. Frequência relativa do nº de dependentes das pescadoras que estudam e exercem a atividade pesqueira do camarão-da-amazônia por faixa etária, na área a jusante a UHE

Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Na ilha do Mosqueiro (PA), Silva et al. (2012) também constataram o trabalho infanto-juvenil nesta modalidade de pesca. Para Vieira & Araújo Neto (2006), é comum a participação de crianças auxiliando seus pais na atividade pesqueira do camarão-da-amazônia e até pescando independentemente. Os autores verificaram que muitas crianças abandonam a escola para ajudar os pais na pesca sem perceber que comprometem o seu futuro.

Possivelmente, a falta de infraestrutura escolar e níveis educacionais mais elevados nas comunidades pesqueiras, associada ao cansaço, oriundo das diversas atividades exercidas pelo grupo familiar, influenciem na evasão escolar do pescador e de seus familiares.

PESCA

A pesca do camarão a jusante da UHE Tucuruí é um aprendizado repassado pelos pais. O pai como instrutor do ofício representa 43,6% e a mãe 29,1%, além dos pais, o esposo também repassa o ofício (20,0%) (Tabela 7). As mulheres aprendem a pescar com os pais na infância ou quando formam família com seus maridos. Na região é comum o auxílio das crianças aos seus pais na captura, beneficiamento e comercialização do camarão.

A participação de crianças em toda cadeia produtiva do camarão-da-amazônia foi observado por vários autores, dentre eles destacam-se os estudos de Araújo et al. (2014a) a jusante da UHE Tucuruí (PA), Silva et al. (2012) na ilha do Mosqueiro (PA) e Vieira & Araújo Neto (2006) na ilha do Pará (PA) e arquipélago de Bailique (AP).

Tabela 7. Repasse do aprendizado do ofício da pesca do camarão-da-amazônia nos municípios e a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Município	Aprendizado do ofício										Total	
	Pai		Mãe		Esposo		Amigo		Sozinho			
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
Baião	3	50,0	0	0,0	3	50,0	0	0,0	0	0,0	6	100,0
Mocajuba	2	40,0	2	40,0	1	20,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Cametá	8	53,3	4	26,7	2	13,3	1	6,7	0	0,0	15	100,0
Limoeiro do Ajuru	6	35,3	5	29,4	3	17,6	1	5,9	2	11,8	17	100,0
Abaetetuba	5	41,7	5	41,7	2	16,7	0	0,0	0	0,0	12	100,0
Jusante	24	43,6	16	29,1	11	20,0	2	3,6	2	3,6	55	100,0

No que diz respeito ao tempo de atividade observou-se que existe entrada de mulheres na pesca do camarão-da-amazônia todos os anos e cerca de 80% destas mulheres possuem mais de 10 anos de atividades (Tabela 8). Pelo longo tempo de atividade pode-se inferir que mulheres idosas atuam nesta atividade pesqueira.

Tabela 8. Anos de atividade das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Município	ANOS DE ATIVIDADE																				Total	
	0-4		5-9		10-14		15-19		20-24		25-29		30-34		35-39		40-49		50-59			
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Baião	0	0,0	0	0,0	1	7,7	3	23,1	2	15,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	11
Mocajuba	1	3,6	0	0,0	1	3,6	0	0,0	1	3,6	0	0,0	1	3,6	0	0,0	1	3,6	0	0,0	5	9
Cametá	2	6,9	1	3,4	0	0,0	1	3,4	1	3,4	1	3,4	3	10,3	2	6,9	4	13,8	0	0,0	15	27
Limoeiro do Ajurú	1	3,3	3	10,0	4	13,3	1	3,3	1	3,3	1	3,3	1	3,3	2	6,7	2	6,7	1	3,3	17	31
Abaetetuba	1	8,3	1	0,0	1	8,3	2	16,7	0	0,0	1	8,3	5	41,7	1	8,3	0	0,0	0	0,0	12	22
Jusante	5	9	5	9,1	7	12,7	7	12,7	5	9,1	3	5,5	10	18,2	5	9,1	7	12,7	1	1,8	55	100

Cintra et al. (2011) analisando o tempo de atividades dos pescadores do reservatório da UHE Tucuruí observaram que os pescadores do reservatório tinham tempo de atividade na pesca bem próximos ao tempo de existência do reservatório, o tempo longo de atividade das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia demonstram que muito antes da existência do reservatório da UHE Tucuruí já existiam mulheres pescando camarão na região. O tempo de atividade encontrado neste estudo é próximo ao tempo de atividade que Vieira & Araújo Neto (2006), encontraram para pescadores de camarão-da-amazônia de Afuá (PA) e Arquipélago do Bailique (AP).

Com relação às atividades complementares aos rendimentos financeiros, registrou-se que 93% das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia possuem mais de uma fonte de renda. Este fato já foi constatado por Araújo et al. (2014a) que quantificaram a participação da renda oriunda da pesca do camarão-da-amazônia na mesma área, em 15,4% da renda familiar.

As atividades complementares são diversificadas, e abrangem atividades de extrativismo (Pesca de peixe, látex, miriti, andiroba), confecção de apetrechos de pesca (malhadeira, matapi), artesanato, vestuário, paneiro e comércio de salgados de camarão e até de combustível (Figura 9).

Tabela 9. Principais atividades complementares a renda familiar das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Atividade	Municípios										Jusante	
	Baão		Mocajuba		Cametá		Limoeiro do Ajuru		Abaetetuba		(n)	%
	(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%		
Não exerce outra atividade					1	6,67	3	18			4	7,3
Pesca de peixe	2	33,3					2	12			4	7,3
Pesca de peixe	1	16,7									1	1,8
Pesca de peixe	2	33,3			3	20					5	9,1
Pesca de peixe			2	40							2	3,6
Pesca de peixe	1	16,7									1	1,8
Pesca de peixe			1	20							1	1,8
Pesca de peixe	1	20					7	41	5	42	13	23,6
Pesca de peixe									2	17	2	3,6
Pesca de peixe									2	17	2	3,6
Pesca de peixe					1	6,67					1	1,8
			1	20			4	24			5	9,1
					1	6,67					1	1,8
							1	6			1	1,8
					1	6,67					1	1,8
					1	6,67					1	1,8
									2	17	2	3,6
					3	20					3	5,5
									1	8	1	1,8
					1	6,67					1	1,8
					1	6,67					1	1,8
					2	13,3					2	3,6
Total	6	100	5	100	15	100	17	100	12	100	55	100,0

Confirmando Araújo et al. (2014a) observam-se que na região a receita financeira das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia deriva de três ou mais atividades produtivas, das quais destacam-se a pesca do camarão e de peixes e extração de açaí. O camarão e o peixe são apontados como as principais fontes de proteína animal e o açaí e a farinha de mandioca como os principais complementos da dieta das mulheres pescadoras da região.

CONDIÇÕES DE MORADIA

Apesar de 89,1% das entrevistadas afirmarem que possuem residência própria, as condições básicas de moradia das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia são precárias e indicam uma qualidade de vida difícil. No geral, as casas possuem paredes de madeira (87,3%), cobertura de telha de barro (74,5%), piso de madeira (69,1), banheiro fora das casas (78,2%), abastecimento de água diretamente do rio (58,2), sem sistema de esgoto (65,5%). Apenas 54,5% das residências possuem energia elétrica e o lixo produzido é geralmente queimado (87,3%). Quanto à água utilizada para consumo é tratada com cloro, fervida e filtrada (respectivamente, 30,9%, 25,5% e

9,1%), no entanto, 34,5% das pescadoras consomem a água sem nenhum tratamento (Tabela 10). A moradia das mulheres pescadora de camarão possui as características típicas de uma moradia de um ribeirão do baixo rio Tocantins. A condição de moradia está bem abaixo de outros cidadãos brasileiros.

Tabela 10. Índices socioeconômicos relacionados às condições de moradia das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Condições de moradia	Município do baixo rio Tocantins											
	Baião		Mocajuba		Cametá		Limoeiro do Ajuru		Abaetetuba		Jusante	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
Residência												
Casa própria	6	100	5	100	14	93,33	12	70,6	12	100	49	89,1
Casa alugada (outros)		0		0	1	6,667	5	29,4		0	6	10,9
Paredes de alvenaria	6	100		0	1	6,667		0,0		0	7	12,7
Paredes de madeira		0	5	100	14	93,33	17	100,0	12	100	48	87,3
Cobertura de telha de barro	6	100	5	100	12	80	7	41,2	11	91,67	41	74,5
Cobertura brasilite		0		0		0	7	41,2	1	8,333	8	14,5
Cobertura de palha		0		0	3	20	3	17,6		0	6	10,9
Piso de cerâmica	2	33,3		0	2	13,33		0,0			4	7,3
Piso de cimento	4	66,7		0	3	20		0,0		0	7	12,7
Piso de chão		0		0	1	6,667		0,0	5	41,67	6	10,9
Piso de madeira		0	5	100	9	60	17	100,0	7	58,33	38	69,1
Banheiro												
Não possui	0	0	2	40		0	1	5,9	0	0	3	5,5
Dentro de casa	0	0	0	0	6	40	3	17,6	0	0	9	16,4
Fora de casa	6	100	3	60	9	60	13	76,5	12	100	43	78,2
Abastecimento de água												
Rede pública	4	66,7	0	0	11	73,33	3	17,6	0	0	18	32,7
Corpos d'água (rios)	0	0	5	100	1	6,667	14	82,4	12	100	32	58,2
Poços e cisternas	2	33,3	0	0	3	20	0	0,0	0	0	5	9,1
Tratamento de água												
Filtrada	3	50	0	0	1	6,667	2	11,8	8	66,67	14	25,5
Fervida	0	0	0	0	1	6,667	3	17,6	1	8,333	5	9,1
Não faz nada	1	16,7	4	80	11	73,33	3	17,6	0	0	19	34,5
Cloro	2	33,3	1	20	2	13,33	9	52,9	3	25	17	30,9
Sistema de esgoto sanitário												
Rede pública	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0	0	0	0,0
Fossas negras	3	50	0	0	10	66,67	5	29,4	1	8,333	19	34,5
Rio	3	50	1	20	5	33,33	6	35,3	11	91,7	26	47,3
Esgoto liberado a céu aberto	0	0	4	80	0	0	6	35,3	0	0	10	18,2
Energia elétrica na propriedade												
Sim	6	100	0	0	14	93,3	10	58,8	0	0	30	54,5
Não	0	0	5	100	1	6,667	7	41,2	12	100	25	45,5
Tratamento do lixo												
Coleta pública	1	16,7	0	0	0	0	3	17,6	0	0	4	7,3
Enterra no quintal	0	0	0	0	1	6,667	1	5,9	0	0	2	3,6
Queima	5	83,3	4	80	14	93,33	13	76,5	12	100	48	87,3
Joga no rio	1	16,7	0	0	0	0	0	0,0	0	0	1	1,8

IMPACTOS NA PESCA

Quando questionados a respeito da redução da quantidade de camarão-da-amazônia a jusante da UHE Tucuruí, 74,5% das mulheres pescadoras afirmaram que está diminuindo ano a ano e 25,5% relatam que a produção é a mesma de anos anteriores.

As pescadoras apontam várias causas da redução do camarão, dentre elas, o aumento da quantidade de pescadores de camarão (32,7%), falta de defeso (20,0%), esforço de pesca excessivo (16,45%), barramento do rio Tocantins para construção do reservatório da UHE Tucuruí (3,6%) e problemas relacionados com o aumento da população, poluição e desmatamento nas margens do rio (5,4%) (Tabela 11). Uma quantidade de 20,0% das pescadoras não sabe a razão da diminuição da produção.

A maioria das mulheres pescadoras de camarão apresentam uma opinião muito crítica a respeito das medidas necessárias para a sustentabilidade da pesca, preservação ambiental e medidas alternativas para diminuir o esforço sobre o camarão. Peres et al. (2007) afirmam que pescadores profissionais artesanais, principalmente aqueles que têm a pesca como única atividade, são os parceiros naturais de qualquer processo de conservação ambiental e também os mais comprometidos com a causa.

Dentre as medidas para a sustentabilidade da pesca, 43,6% sugerem parada da pesca num determinado período do ano, 3,6% fiscalização da venda de camarão pequeno, (1,8%) proibição de malhadeiras e tarrafas em áreas de pesca e (1,8%) sugerem o uso de matapis mais seletivos. Para a preservação ambiental é sugerido ações de controle a poluição dos rios e para alternativas a pesca, foi sugerida o cultivo do camarão em cativeiro.

A prática da aquicultura em reservatórios é vista como uma forma de reduzir a pressão sobre os estoques naturais e gerar novas fontes de renda para os pescadores artesanais, que têm suas atividades alteradas pela diminuição do estoque (AGOSTINHO & GOMES, 2005).

Em reservatórios brasileiros, com a constante diminuição dos recursos pesqueiros, o vertiginoso aumento da demanda e a diversificação dos usuários, a criação de formas de controle assume um aspecto importante, devendo anteceder ou ser concomitante a programas de educação ambiental (AGOSTINHO et al., 2007).

Entretanto, quando se analisa a sustentabilidade do setor pesqueiro é importante também considerar que a redução dos estoques, não são consequências exclusivas da pesca, mas também de ações antrópicas no ambiente de entorno, como a derrubada de matas ciliares, a destruição de nascentes, o assoreamento, a poluição e o represamento dos rios (SANTOS & SANTOS, 2005).

Tabela 11. Percepção das mulheres pescadoras de camarão-da-amazônia sobre o meio ambiente a jusante da UHE Tucuruí. Dados coletados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011, setembro de 2012 e setembro e outubro de 2014

Impacto na pesca do camarão	Município do baixo rio Tocantins										Jusante	
	Baião		Mocajuba		Cametá		Limoeiro do		Abaetetuba			
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
A quantidade de camarão diminuiu?												
Sim	3	50	5	100	13	86,7	14	82,4	6	50	41	74,5
Não	3	50	0	0	2	13,33	3	17,6	6	50	14	25,5
Causa da redução ?												
Muita gente pescando camarão	2	33,3	3	60	2	13,33	6	35,3	5	41,67	18	32,7
Pesca sem defeso	0	0	0	0	7	46,67	0	0,0	4	33,33	11	20,0
Não sabe	2	33,3	2	40	1	6,667	5	29,4	1	8,333	11	20,0
Esforço de pesca excessivo (matapi)	0	0	0	0	5	33,33	3	17,6	1	8,333	9	16,4
Barramento do rio (UHE Tucuruí)	2	33,3	0	0	0	0	0	0,0	0	0	2	3,6
Malhadeira e tarrafa (espanta)	0	0	0	0	0	0	0	0,0	1	8,333	1	1,8
Desmatamento das margens do rio	0	0	0	0	0	0	1	5,9	0	0	1	1,8
Poluição	0	0	0	0	0	0	1	5,9	0	0	1	1,8
Aumento da população	0	0	0	0	0	0	1	5,9	0	0	1	1,8
Medida de sustentabilidade da pesca ?												
Defeso	1	16,7	2	40	8	53,33	8	47,1	5	41,67	24	43,6
Não sabe	4	66,7	3	60	5	33,33	8	47,1	4	33,33	24	43,6
Fiscalização da venda de camarão pequeno	0	0	0	0	1	6,667	0	0,0	1	8,3	2	3,6
Produção em cativeiro	1	16,7	0	0	1	6,667	0	0,0	0	0	2	3,6
Proibição de tarrafas e malhadeiras nas áreas de pesca de camarão	0	0	0	0	0	0	0	0,0	1	8,333	1	1,8
Matapi seletivo	0	0	0	0	0	0	0	0,0	1	8,333	1	1,8
Não poluir os rios	0	0	0	0	0	0	1	5,9	0	0	1	1,8

CONCLUSÕES

A pesca do camarão-da-amazônia na região é uma atividade tradicional que é repassada de geração a geração.

A importância da pesca do camarão a jusante do reservatório da UHE Tucuruí é inquestionável, tanto do ponto de vista econômico como social.

Crianças, jovens, adultos e idosos participam da pesca, beneficiamento e comercialização do camarão e a mulher participa de todas as etapas da cadeia produtiva.

Na região, as mulheres estão preocupadas com a sustentabilidade da atividade e com a preservação ambiental.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, A.A.; GOMES, L.C. O manejo da pesca em reservatórios da bacia do alto rio Paraná: avaliação e perspectivas. In: Nogueira, M.G.; Henry, R.; Jorcín, A. (Org.). Ecologia de reservatórios: impactos potenciais, ações de manejo e sistemas em cascata. São Carlos-SP: Rima, 2005. p.23-55.

AGOSTINHO, A.A.; GOMES, L.C.; PELICICE, F.M. Ecologia e manejo de recursos pesqueiros em reservatórios do Brasil. Maringá: EDUEM, 2007. 501p.

ARAÚJO, M.V.L.F.; SILVA, K.C.A.; ROMÃO JÚNIOR, J.G.; CINTRA, I.H.A.; SANTOS, M.A.S. Socioeconomia e percepção ambiental dos pescadores de camarão-da-Amazônia a jusante da UHE Tucuruí, Pará, Brasil. *Amazônia: Ciência & Desenvolvimento*, v.10, n.19, p.7-18, 2014a. <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/revista-amazonia-ciencia>.

ARAÚJO, M.V.L.F.; SILVA, K.C.A.; SILVA, B.B.; SILVA, I.L.; CINTRA, I.H.A. Pesca e procedimentos de captura do camarão da Amazônia a jusante de uma usina hidrelétrica na Amazônia brasileira. *Biota Amazônia*, v.4, n.2, p.102-112, 2014b. <http://www.periodicos.unifap.br/index.php/biota>.

Brasil. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez.1996. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 fev. 2012.

Brasil. Presidência da República. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. *Diário Oficial da União*, Brasília, 11 jan. 2002. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 15 fev. 2012.

Brasil. Presidência da República. Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. *Diário Oficial da União*, Brasília, 7 fev. 2006. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>. Acesso em: 15 fev. 2012.

CEREGATO, S.A.; PETRERE JÚNIOR, M. Aspectos sócio-econômicos das pescarias artesanais realizadas no complexo Urubupungá e a sua jusante no rio Paraná. *Holos Environment*, v.2, n.1, p.1-24, 2002. <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/holos/issue/view/54>

CINTRA, I.H.A.; JURAS, A.A.; ANDRADE, J.A.C.; OGAWA, M. Caracterização dos desembarques pesqueiros na área de influência da usina hidrelétrica de Tucuruí, estado do Pará, Brasil. *Boletim Técnico Científico do Cepnor*, v.7, n.1, p.135-152, 2007. <https://periodicos.ufra.edu.br/index.php?journal=tjfas&page=issue&op=view&path%5B%5D=30>

CINTRA, I.H.A.; MANESCHY, M.C.A.; JURAS, A.A.; MOURÃO, R.DOS.N.; OGAWA, M. Pescadores artesanais do reservatório da usina hidrelétrica de Tucuruí (Pará, Brasil). Revista de Ciências Agrárias, v.54, n.1, p.61-70, 2011. <
<https://periodicos.ufra.edu.br/index.php?journal=ajaes&page=article&op=view&path%5B%5D=110&path%5B%5D=179>. doi:10.4322/rca.2011.039

FERRARA, L.D.A. As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: Del Rio, V.; Oliveira, L. de (Org.). Percepção ambiental: a experiência brasileira. São Carlos: UFSCar/Studio Nobel, 1996. p. 3-22.

FREIRE, J.L.; SILVA, B.B. Aspectos sócio-ambientais das pescarias de camarões dulcícolas (*Macrobrachium amazonicum* Heller, 1862 e *Macrobrachium rosenbergii* De Man, 1879) (Decapoda, Palaemonidae) na região bragantina - Pará - Brasil. Boletim do Laboratório de Hidrobiologia, v.21, n.1, p.51-62, 2008. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/blabohidro/article/view/1897>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 215p.

Maneschky, M.C. Da casa ao mar: os papéis das mulheres na construção da pesca responsável. Proposta, v.84/85, n.1, p.82-91, 2000.

MANESCHY, M.C.; ALMEIDA, M.P. Tornar-se pescadora: associações de mulheres e constituição de sujeitos políticos. In: Hébette, J.; Magalhães, S.B.; Maneschky, M.C. (Org.). No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará. Belém-Pa: EDUFPA, 2002. p. 47-82.

MOTTA MAUÉS, M.A. Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. Etnográfica, v.III, n.2, p.377-399, 1999. http://ceas.iscte.pt/etnografica/1999_03_02.php.

NOGUEIRA, G.M.; FERMENTÃO, C.A.G.R. O estado civil das pessoas que vivem sob o regime de união estável em face dos direitos da personalidade. Revista Jurídica Cesumar, v.6, n.1, p.489-498, 2006. <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/issue/view/25>.

PERES, M.B.; KLIPPEL, S.E.; VIANNA, M.A.C. Áreas de exclusão de pesca propostas no processo de gestão participativa da pesca artesanal no litoral norte do Rio Grande do Sul: um relato experiência. In: Prates, A.P.; Blanc, D. (Org.). Áreas aquáticas protegidas como instrumento de gestão pesqueira. Brasília-DF: MMA, v.4, 2007. p. 131-144.

SANTOS, G.M.; SANTOS, A.C.M. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. Acta Amazônica, v.19, n1, p.165-182, 2005.

SETEPS - Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social. A pesca artesanal do estado do Pará: perfil sócio-econômico e organizacional dos pescadores filiados às Colônias. Belém:

Seteps/Sine-PA, 2003. 154p.

SILVA, M.C.; OLIVEIRA, A.S.; NUNES, G.Q. Caracterização socioeconômica da pesca artesanal no município de Conceição do Araguaia, estado do Pará. *Amazônia Ciência & Desenvolvimento*. v.2, n.4, p.37-51, 2007. <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/revista-amazonia-ciencia>.

SILVA, B.B.DA; CAÑETE, V.R.; MARTINELLI, J.M.; ISAAC, V.J. Descrição socioeconômica da pesca do camarão *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) (Decapoda: Palaemonidae) em um estuário da costa norte do Brasil: o caso da Ilha do Mosqueiro (PA). *Boletim do Laboratório de Hidrobiologia*, v.25, n.1, p.21-30, 2012. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/blabohidro/article/view/1945>.

SIMONIAN, L.T.L. Pescadoras de camarão: gênero, mobilização e sustentabilidade na ilha Trambioca, Barcarena, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v.1, n.1, p.35-52, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222006000200004>.

VIEIRA, I.M.; ARAÚJO NETO, M.D. Aspectos da socioeconomia dos pescadores de camarão da ilha do Pará (PA) e arquipélago do Bailique (AP). *Boletim do Laboratório de Hidrobiologia*, v.19, n.1, p.85-94, 2006. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/blabohidro/issue/view/170/showToc>.

WHA. World Health Association. *Qualitative research for health programmes*. Geneva: WHA, 1994. 102p